

Revista da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

Apoio cultural:

Prefeitura Municipal de Campo Grande.



# Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

n. 2

dezembro de 2003

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Pesquisa, seleção,  
diagramação e revisão:  
H. Campestrini

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Rua Rui Barbosa, 2.624 – fone/fax (67) 382-1395  
79002-365 Campo Grande MS  
*e-mail:* [academialetrasms.ibest.com.br](mailto:academialetrasms.ibest.com.br)

# Apresentação

O sucesso do primeiro número da Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (que se esgotou em poucas semanas) estimulou a publicação, ainda neste ano, do número 2, projetando-se algumas edições para o próximo ano, para levar aos sul-mato-grossenses um pouco da riqueza de nossa literatura.

Este número é dedicado a poetas já falecidos que foram ou sócios efetivos da Academia ou nela são patronos de cadeira.

Em cada edição será homenageado um escritor que se tenha destacado no universo da arte escrita. Assim, neste número está sendo destacado o maior poeta de Mato Grosso uno, D. Francisco de Aquino Correia, o único mato-grossense a pertencer, até hoje, à Academia Brasileira de Letras.

Como o leitor poderá constatar, a capa será mantida ao longo das edições, principalmente pelo fato de representar as cores da bandeira de nosso Estado, cujo hino se encontra na p. 11, como tributo a seus autores, sócios desta Casa.

Por fim, é dever registrar os agradecimentos dos sócios ao acadêmico H. Camestrini, que tornou possível mais este número.

F. Leal de Queiroz  
Presidente da Academia



# Sumário

D. Francisco de Aquino Correia – 15.

Alceste de Castro – 35.

Aldo de Queirós – 41.

Elpídio Reis – 47.

Germano Barros de Sousa – 55.

Henedina Hugo Rodrigues – 61.

Júlio Alfredo Guimarães – 63.

Mariano Cebalho – 67.

Rubens de Castro – 71.

Arnaldo Serra – 79.

Rosário Congro – 85.

José Barnabé de Mesquita – 91.



## Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	Ângelo Venturelli
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murtinho	Antônio Alves Guimarães
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenot
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	<i>vaga</i>
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Moraes	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	<i>vaga</i>
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	Acyr Vaz Guimarães
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	<i>vaga</i>
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	Oliva Enciso
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	Arassuay Gomes de Castro
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubenio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

#### Diretoria (2003-05)

*Presidente:* Francisco Leal de Queiroz.

*Vice-presidente:* Reginaldo Alves de Araújo.

*Secretário-Geral:* Rubenio Marcelo.

*Secretário:* José Pedro Frazão.

*Tesoureiro:* Antônio Alves Guimarães.

*Segundo tesoureiro:* Augusto César Proença.

# Hino de Mato Grosso do Sul

Música de Radamés Gnattali  
Letra de Jorge Antônio Siufi e  
Otávio Gonçalves Gomes

Os celeiros de farturas,  
Sob um céu de puro azul,  
Reforjaram em Mato Grosso do Sul  
Uma gente audaz.

Tuas matas e teus campos,  
O esplendor do Pantanal,  
E teus rios são tão ricos  
Que não há igual.

A pujança e a grandeza  
De fertilidades mil,  
São o orgulho e a certeza  
Do futuro do Brasil.

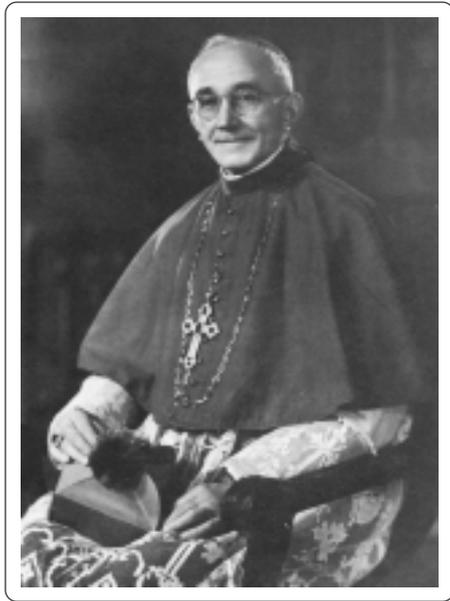
Moldurados pelas serras,  
Campos grandes: vacaria.  
Rememoram desbravadores, heróis,  
Tanta galhardia!

Vespasiano, Camisão  
E o tenente Antônio João,  
Guaicurus, Ricardo Franco,  
Glória e tradição!

A pujança e a grandeza  
De fertilidades mil,  
São o orgulho e a certeza  
Do futuro do Brasil.



## Homenagem a



Dom Francisco de Aquino Correia



## D. Francisco de Aquino Correia

---

Dom Francisco de Aquino Correia nasceu em Cuiabá em 1885 e faleceu em 1956. Foi governador do Estado (1918-22), arcebispo de Cuiabá, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras. Ocupou a cadeira n. 34 da Academia Brasileira de Letras. "Foi o maior orador do seu tempo" (Rubens de Mendonça). Excelente poeta. Em *Terra Natal* homenageou Mato Grosso, seus municípios e fatos históricos. Obras: *Odes*, *Poesias*, *Terra Natal* e *Discursos*. É patrono da cadeira n. 2 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

### Erva-de-Tapera

Nas taperas em flor da minha terra,  
Não crescem folhas de heras peregrinas.  
Mas uma erva aromal, que ao sol descerra  
As suas roxas flores pequeninas.

O viajor que, por matas e campinas,  
Corta o imenso sertão, do vale à serra,  
Ama essas melancólicas ruínas,  
Onde o fantasma das saudades erra.

Pára. E eis que andando a sós, absortamente,  
Por entre o verde mato emaranhado,  
Sente-se, de surpresa, num ambiente

Tão doce, tão sutil, tão perfumado,  
Qual se ali o envolvera, de repente,  
Todo o aroma infinito do passado.

## Campo Grande

Ei-la a rir para o céu todo azulado,  
Sobre terras tão roxas e mimosas,  
Como se houvera por aqui passado  
Uma aluvião de pétalas de rosas!

Terra das lombas verdes! que te gozas  
De ter sentido o rastro iluminado  
Das primeiras bandeiras tão gloriosas,  
Que esfloraram o chão desde eldorado!

Que doce clima em teu planalto escampo,  
Onde o fruto europeu viça e madura,  
Entre as orquídeas do pomar soalheiro!

Glória a ti, Campo Grande! imenso campo  
Aberto para o ideal, como a planura  
Abre-se em ti aos surtos do pampeiro!

## Corumbá

Qual outrora, ao mirífico arrepio  
Da onda azul do mar Jônio, a deusa Vênus,  
Assim nasceste, sob os céus serenos,  
À flor do lindo pantanal bravio.

Tão bela és tu, que o teu selvagem rio,  
Ao morder estes céspedes amenos,  
Dá longas voltas, por que possa, ao menos,  
Contemplar teu mimoso casario.

E uma vez ele viu (hórrido agouro!)  
Ai! viu-te como Andrômeda no oceano,  
Amarrada a esse escolho negro e duro.

Mas tu, calçando-te os talares de ouro  
De Mercúrio, largaste o vôo ufano,  
Para este azul glorioso do futuro!

## A perdiz e a jaó

Dizem que outrora, sob o mesmo umbroso  
Teto das matas flóridas, no gozo  
De um idílio feliz,  
Viveram já, conturbarnais e amigas,  
Alternando as nostálgicas cantigas,  
A jaó e a perdiz.

Eis senão quando, um dia, a confidente  
Da perdiz quis levá-la a um furto ingente,  
A não sei que ação má,  
Pois qual seja ela a tradição não reza,  
"Que em tanta antiguidade não há certeza",  
Mas pouco se nos dá.

O fato é que a perdiz, sem mais, desata  
O vô sonoroso pela mata  
E foge e vai viver,  
Por entre o verde capinzal que junca  
Os vastos campos, e não quis mais nunca  
Aos seus bosques volver.

Desde então, a jaó clama incessante:  
"Vem cá, perdiz!" no fundo ressonante  
Dos grandes matagais;  
Mas a nobre perdiz, desde as amenas  
Pradarias em flor, responde apenas,  
Assim: "Não! Nunca mais!"

Ó jovens, aprendei: e se algum dia,  
Surpreender-vos a infausta companhia  
De amigos tão fatais,  
Fugi como a perdiz, e aos mentirosos  
E vis reclamos replicai, briosos,  
Assim: "Não! Nunca mais!"

## Ponta Porã

Nos píncaros selvagens e altaneiros  
Da serra do Amambaí, nasceste um dia,  
Tu que te embalas na canção bravia  
Do altivo beijo infrene dos pampeiros.

Princesa dos ervais, que ao sol, fagueiros,  
Riem na verde fronde luzidia!  
Celebram-te em arcádica poesia,  
Nas coxilhas em flor, os boiadeiros.

Bate em teu virgem peito, ao ritmo heróico  
Da alma gentil do bandeirante estóico,  
O sangue do gaúcho ardente e puro.

E além, mais belo e forte do que o oceano,  
O salto de Guairá entoa, ufano,  
O prelúdio triunfal do teu futuro!

## Aquidauana

À beira-rio, qual donzela indiana,  
Olhando o azul, por sobre areias de ouro,  
Jaz a cidade, flor do Aquidauana,  
Brotada à luz de um sonho imorredouro.

Foi o sonho da ousada caravana,  
Que a planejou sobre um xairel de couro,  
E eis que, em seu garço olhar, a serra ufana  
Viu-a sorrir, do sol ao beijo louro.

Tudo nessa hora acorda, freme, exulta,  
Mesmo as ruínas de Xerez sepulta  
Sob a mortalha em flor das capoeiras.

E além, sobre a água límpida e sonora  
Do velho Emboteteí, vibra, nessa hora,  
A alma heróica das prístinas bandeiras!

## Três Lagoas

Mansas pernaltas entreabrindo as asas,  
À beira destas plácidas lagoas,  
São hoje, à flor da areia, as lindas casas,  
De que, aos beijos do sol, tu te coroas.

Desbrava o trem estas campinas rasas,  
E tu, feito uma flor, desabotoas:  
És uma alma inda nova, que te abrasas,  
No anseio virginal das coisas boas.

Na ante-sala do lar de um grande povo,  
És a criança que, ao entrar, se oscula  
Na rósea frente, onde o porvir se encerra.

Três Lagoas! esplêndido renovo  
Da civilização! bela caçula  
Das cidades gentis da minha terra!

## Guaicurus

Pendurados ao dorso e às brutas crinas  
De ganhões selvagens, que aos pampeiros  
Vencem na fúria, os índios cavaleiros  
Batem a terra em hordas peregrinas.

Guaicurus! que terror pelas campinas!  
Já troa ao longe, nos despenhadeiros,  
O atroz quadrupedar de pés ligeiros,  
E o resfolgar de túmidas narinas!

Ei-los! E a monção, que erra campo fora,  
E o cervo que além pasta, embevecido,  
E o faminto jaguar, que vai à caça,

E o brejo e o rio, tudo se apavora,  
Tudo estremece ao horrído estrupido  
Da cavalgata bárbara que passa!

## Miranda

No épico livro antigo dos teus fados,  
Entre idílios de paz, ó velha terra,  
Há um eco trágico de lutas, que erra  
Da Bodoquena aos pantanais calados.

Vejo-te inda os altares profanados,  
Oíço inda os roncós da sanhuda guerra,  
E as águas do teu rio, que, da serra,  
Descem cantando a nênia de Dourados.

Tudo ruínas! Longas e sombrias,  
Passam lamentações de Jeremias:  
E a alma de Frei Mariano de Bagnaia.

Mas sobre ti, qual sobre o caos outrora,  
Deus fecundava esta risonha aurora,  
Que hoje em teus verdes laranjais se espraia!

## Santana do Paranaíba

Verdes caapões em flor! ondeantes pradarias  
De águas puras que, além, murmuram pelas grutas!  
Cruzes a bracejar, como acalmando as lutas  
Que orfanaram o lar dos Castros e Garcias!

Mil pássaros cantando em revoadas bravias!  
Frescas auras que vêm de cabeceiras brutas!  
Casas a branquejar entre árvores e frutas!  
Velhos sinos entoando as velhas melodias!

Eis Santana! a cidade antiga que eu namoro!  
Rainha do sertão, que verdeja e se estira  
Do amplo Paranaíba ao Sucuriú canoro!

Salve, lindo sertão! salve, terras fagueiras,  
Onde a triste Inocência inda aos ventos suspira:  
"Ai! como cedo murcha a flor das laranjeiras!"

## Bela Vista

Cantem outros o idílio, o aroma, a verde capa  
Dessa encosta, onde o teu casario se avista,  
Quais pétalas de neve ao sol, ó Bela Vista,  
Última flor da Pátria, abrindo à beira do Apa!

Eu canto o teu passado, eu canto a heróica etapa  
Dessa atroz retirada, em que a sangrenta pista  
Dos mártires sagrou, numa luz nunca vista,  
Do teu fecundo solo o legendário mapa!

Salve, sagrada terra! ara infinita e pura!  
Relicário de heróis, cuja ossada fulgura,  
Qual via-láctea ideal a constelar-te a história!

E eis, no alto, estrela dupla em teu azul tão lindo,  
Lopes, o velho guia, e a esposa te sorrindo,  
Ao noivado imortal de heroísmo e da glória!

## Porto Murtinho

Num doce farfalhar de carandás e numa  
Palpitação do rio a beijar-te, incessante,  
Vi-te ao sol! E essa linda aquarela brilhante,  
Nunca mais da minha alma encantada se esfuma!

Palma-Chica, a jusante, espia-te da bruma,  
E o Pão de Açúcar, lá, remira-te, a montante,  
Ó náiade sorrindo ao zéfiro cantante,  
Que a fragrância do mate ainda hoje perfuma.

Na alta riba que, além, rubros tetos ostenta,  
Tomba-te na hecatombe a boiada ferida,  
Em holocausto à Indústria, a nova déia cruelta!

E tudo aqui te fada ao progresso e à vitória:  
O grande Paraguai acena para a vida,  
E mil palmas, no azul, acenam para a glória!

## Papilio Innocentia

Sertão bruto. Além correm as selvagens  
Águas do Sucuriú. Eis a tapera:  
Triste lar de Inocência! A primavera  
Cobre-a de agrestes flores e pastagens.

Não mais, cantos de graúna entre as ramagens  
Do laranjal em flor! Não mais, a austera  
Figura do Pereira ali, à espera,  
Nem do anão Tico as trêfegas visagens!

Tudo deserto! Só, de quando em quando,  
Passa uma borboleta sertaneja,  
Asas de azul e branco ao sol ondeando...

É a linda borboleta do seu nome,  
Lembrando o nada desse amor que adeja  
Nas róseas ilusões, que o tempo some.

## Alavanca de ouro

Dizem que outrora, numa lavra funda,  
Viu-se aqui, toda de ouro, uma alavanca:  
Todos a querem, mas ninguém a arranca,  
E mais se cava, tanto mais se afunda.

Contudo, cavam sempre... E a ganga imunda,  
Que nessa escavação se desbarranca,  
Vai dando ouro, muito ouro, e não se estanca,  
Té que o arraial feliz, de ouro se inunda.

Quanta sabedoria não encerra  
Esta lenda gentil da minha terra,  
Que ao trabalho e à constância nos convida!

Trabalha! que o trabalho é o teu tesouro,  
E será ele essa "alavanca de ouro",  
Que há de elevar-te e enriquecer-te a vida!

## Pantanal

Verde mar de gramíneas, mar parado,  
Que os corixos, qual serpe desconforme  
De cristal, vão cruzando, lado a lado,  
O imenso pantanal se estira e dorme.

Pasta, em manadas plácidas, o gado.  
Lá fuge um cervo. E, de onde em onde, enorme,  
Como velho navio abandonado,  
Uma árvore braceja a copa informe.

Não vibra um eco só de voz alguma:  
Ao longe, silencioso e desmedido,  
O bando das pernaltas lá se perde.

Mas, de repente, em amplo vôo, a anhumã  
Enche do seu nostálgico gemido,  
A infinita soidão do plaino verde.

## Melo, o Bravo

Quando, à frente do povo imenso e belo  
De mulheres, crianças e anciões,  
Que salvaras do exílio e do cutelo,  
Através de cem léguas de sertões,

Entraste, como um Cid o mais singelo,  
Na cidade a sorrir-te em mil festões,  
A alma da Pátria sobre ti, ó Melo,  
Vibrava em beijos, festas e canções.

Foi ela, pela mão de uma menina,  
Quem, nessa frente heróica e peregrina,  
Pôs-te um nimbo de pétalas triunfais.

Mas, hoje, é a deusa rútila da Glória,  
Que, do Panteão na cátedra marmórea,  
Impõe-te a láurea em flor dos imortais!

## A Monção

Beijam a praia de Ararituaba  
Centenas de canoas. Num céu lindo,  
Reponta a madrugada, colorindo  
O arraial, lá do rio na verde aba.

No tosco altar da Penha, a Missa acaba.  
Raia o sol. Já são horas de ir partindo:  
Ei-los então, num burburinho infindo,  
Índios e negros, o paulista e o emboaba.

Partem. Há beijos pelo azul sonoro,  
E no Tietê, em soluçante coro,  
A barcarola das saudades erra...

Assim, de rio em rio, aves em bando,  
A monção vai boiando, vai boiando  
Para o eldorado em flor da minha terra.

## Herculânea

Salve, Herculânea! salve, doce vila,  
Que nos sorris nestes sertões distante,  
Pálida estrela a demarcar, tranqüila,  
A rota sideral dos bandeirantes!

Viste-os passar, esses heróis gigantes,  
De canoas triunfais em longa fila;  
E viste de Laguna os retirantes,  
E seu rastro em teu solo inda cintila.

Tu, em vez, aqui jazes, tão modesta,  
E só teu velho rio canta a gesta  
De tanta glória, que passou por ti!

Surge! tu que és mais rica que as Golcondas,  
Ó ninfa solitária destas ondas,  
Ó noiva sem rival do Taquari!

## Independência ou Morte

Foi sobre a tarde, quando o sol declina,  
Hora divina das contemplações,  
Hora do Gólgota, sublime hora,  
Marcada outrora para as redenções.

Deus decretara redimir a terra,  
Que o nome encerra da sagrada Cruz.  
E a um jovem príncipe entregou a espada  
Dessa cruzada de infinita luz.

O herói passava, em seu ginete airoso,  
Ao sol radioso, que esmaltava os céus;  
O ideal fremia-lhe na frente inquieta,  
Era a silhueta de um estranho deus!

Tinha a seus pés, por pedestal, o outeiro  
Alvissareiro do Ipiranga em flor:  
E a brisa e as árvores e a onda flava,  
Tudo cantava de esperança e amor!

E quando ergueu aquele sabre de ouro,  
E como estouro de vulcão fatal,  
Rugiu nos céus: "Independência ou Morte",  
Tinha no porte um heroísmo ideal!

Responde ao grito e, delirante, brada  
A cavalgada, que nos fez nação;  
E o luso tope, que algemava os braços,  
Rola em pedaços no brasílio chão!

Entanto o grito: "Independência ou Morte!"  
De sul a norte, num fulmíneo ecoar,  
Livres bandeiras pelo azul desata,  
Numa fragata lá transpõe o mar!

Desde o Itatiaia, que assoberba os ares,  
Até Palmares, repercute a voz:  
Ouvem-na os manes dos fatais guerreiros,  
Dias, Negreiros e Poti feroz.

Sorri-lhe o espírito imortal de Anchieta,  
Anjo e poeta, que o Senhor nos deu;  
E, do além-túmulo, como que suspira  
A infausta lira do gentil Dirceu.

Brota de tudo, e se ouve um hino ardente,  
Ardentemente, pelo azul cantar,  
Um como hino de Natal que erra,  
Do céu à terra, e da montanha ao mar.

E qual Andrômeda, sorrindo agora,  
À voz canora do novel Perseu,  
Tal surge a Pátria do Cruzeiro lindo,  
Livre, sorrindo, para o azul do céu!

Sublime grito: "Independência ou Morte!"  
Que o jugo forte do opressor destróis!  
Da liberdade és o fatal dilema,  
O eterno lema de um país de heróis!

Não és o grito da anarquia infame,  
Que espuma e brame, contra Deus e o rei;  
Tu és o cântico da liberdade,  
Que não evade os muralhões da lei!

Tu és um raio dessa Cruz bendita,  
Que além palpita, em nossos puros céus;  
És o diadema de uma Pátria ingente,  
Que, livre e crente, só se humilha a Deus!

### "Buriti Solteiro"

Nos chapadões em flor, onde o alto São Lourenço,  
Atravessa, outrora, um sertão bruto e imenso,  
O "buriti solteiro" erguera a fronde ao sol:  
Erecto, solitário, em meio da planura,  
Respirava, no azul, a atmosfera mais pura,  
Fitando sempre o céu, de arrebol a arrebol.

O fuste retilíneo às nuvens se atirava,  
Sobre aquele esplendor da natureza brava,  
Como um traço de união, ligando a terra ao céu,  
E das palmas abria ao vento a ampla grinalda,  
Qual se fora cocar maciço de esmeralda,  
Que um gigante ostentasse à guisa de troféu.

De todo o vale, a flux, num grande lausperene,  
Numa como oblação litúrgica e solene,  
Subia a ele a vida ardente do sertão,  
Os aromas da flora a fremer, fibra a fibra,  
E toda essa harmonia universal, que vibra,  
E canta em cada ser, aos estos da criação.

E ele, no alto, à feição de bardo santo e calmo,  
Fundindo essa poesia infinita num psalmo,  
Mais grandioso que a voz de todos os orfeus,  
Cantava sem cessar, na solidão bravia  
E as folhas a tremer, dedilhar parecia  
Uma invisível harpa etérea, ao pé de Deus!

Mas um dia o feriu, em plena frente, o raio  
E o buriti morreu! Houve um longo desmaio  
Desde as flores da serra até o fundo paul.  
Morreu!... porém, o caule erguido, sobranceiro,  
Imoto, indiferente aos raios e ao pampeiro,  
Lá ficou apontando a imensidade azul!

Salve, augusta palmeira, ó buriti sagrado!  
Testemunha talvez desse longo passado,  
Que vai desde a pré-história ignota dos brasis,  
Até Luís de Albuquerque, até Dom Luís de Castro,  
Que passaram por ti, num luminoso rastro  
De civilização promissora e feliz!

De júbilo, por certo, os leques agitaste,  
Quando o padre Siqueira avistou a tua haste,  
E sorriu-te, ao volver, saudoso, de além-mar!

E quanto não folgaste aí de teres visto  
Galgarem-te o planalto as bandeiras de Cristo,  
Não ouro a descobrir, mas almas a salvar!

Hoje me quedo a olhar teu estípite morto,  
Bem como o peregrino a remirar, absorto,  
Um túmulo no areal deserto de Gizé:  
E cuido que tu foste algum pálido asceta,  
Que passaste sonhando os teus sonhos de poeta,  
Num êxtase de amor, de esperança e de fé!

Quem me dera viver, tal como tu viveste,  
Contemplar sempre a luz dessa amplidão celeste,  
Mas sempre a palpar com a planície e com o val;  
Solitário com Deus, solidário com a terra,  
Sentir todo esse amor, que nas coisas se encerra,  
Para elevá-lo ao céu, num canto perenal!

E quando a morte houver os meus dias desfeito,  
Quem dera aqui deixar algum heróico feito,  
Algum verbo de luz, que não morra jamais,  
Algum gesto sequer, que perdure no mundo,  
Como teu velho tronco, extinto, mas fecundo,  
Apontando ainda o azul dos mais belos ideais!

## Salve, Bandeira!

Salve, Bandeira do Brasil querida,  
Toda tecida de esperança e luz!  
Pálio sagrado, sob o qual palpita  
A alma bendita do País da Cruz!

Salve, Bandeira! Quando ao sol desfraldas,  
De ouro e esmeraldas, o teu manto real,  
Nossa alma em vôo pelo azul se lança,  
Nessa esperança de dourado ideal!

Salve, Bandeira! Ao teu aceno, eu penso  
No meigo lenço de uma mãe, que diz,  
Saudando o filho e lhe apontando o norte:  
"Sê nobre e forte, e me farás feliz!"

Salve, Bandeira! Como tenda arfante,  
Que se levante, no deserto nu,  
Tu nos sorris, e toda dor desfazes,  
Há sempre oásis, onde afloras tu!

Salve, Bandeira! Que és suave e justa  
Mortalha augusta, para os bravos teus;  
Mas, como a túnica de Nesso, ardes  
Para os cobardes, para os vis e os réus!

Salve! Mil vezes, ó gentil Bandeira,  
Pura, fagueira, fulgurante, audaz!  
Salve! Nas ondas e na firme terra,  
Salve! Na guerra e na rosada paz!

## À Mocidade

Moços! que sois as peregrinas flores  
Deste deserto lacrimoso e rudo,  
Donde banis os tétricos horrores,  
Pondo um sorriso cor-de-rosa em tudo!  
Vós que entreabris os olhos cismadores,  
Como duas corolas de veludo,  
Interrogando a vida, desde a borda  
Do berço azul, onde a vossa alma acorda!

Moços! em cujo olhar sereno e puro,  
Tal como em foco de cristal ardente,  
Por entre o caos do século, procuro  
A luz dessa esperança, que não mente!  
Vós que sois o sorriso do Futuro,  
A cintilar nas sombras do Presente,

Bem como a estrela-d'alva debruçada,  
Sobre a fronte gentil da Pátria amada!

Moços! que tendes na alma os horizontes  
Da bela aurora boreal da vida!  
Vós que de rosas coroais as frentes,  
Para o banquete, a que a Ilusão convida!  
Vós que vos embalais, ainda insontes,  
Mas incautos, à voz tão fementida  
Da sereia do amor, ouvi meu canto,  
Quais os acordes de um saltério santo!

Flores da minha terra! erguei o cálix,  
Como uma taça, para a luz e a crença!  
Fugi as trevas dos tortuosos vales,  
Buscai o sol pela campina imensa!  
Que, neste chavascal de infindos males,  
Nutra-vos uma Fé, que tudo vença,  
E então sereis como as eternas rosas  
De Jericó, sempre a florir, formosas.

Esperanças da Pátria! alçai o vôo,  
Sobre o dilúvio universal do crime!  
Alto, mui alto, além do atroz rebão  
Do vagalhão, que nos tortura e oprime!  
Mas ao voltardes, em gentil revôo,  
Para a grande arca do Porvir sublime,  
Trazei-nos, como a pomba alvissareira,  
O sempre verde ramo de oliveira.

Argonautas do Ideal! soltai as velas  
Ao dourado baixel das esperanças!  
Que brilhem para vós milhões de estrelas,  
E cantem sobre o mar, as brisas mansas!  
Vogai ao som das harmonias belas  
Desse Orfeu misterioso das bonanças,  
Levando o branco pensamento fito  
No eterno velocino do Infinito!

Mas se afinal, sobre a cerúlea alfombra  
Do mar da vossa vida, a hórrida asa  
De Satã, que o universo agita e assombra,  
Em suscitar procelas se compraça,  
Não importa, lutai! Lutai à sombra  
Da auriflama triunfal da Fé, que abrasa,  
Tendo na alma a razão, que vos persuade,  
E Deus a vos sorrir na eternidade!

Amai a luta pela vida, ó moços!  
Não pela vida, que hoje o peito invade,  
Mas amanhã, em fúnebres destroços,  
Rola da tumba na fatalidade!  
Buscai a vida, que sacia os vossos  
Grandes ideais de eterna mocidade,  
Lá, onde o amor não morre, e vos espera,  
Ó flores, a infinita primavera!

### Canção da minha terra

Minha terra é Pindorama,  
De palmares, sempre em flor:  
Quem os viu e não os ama,  
Não tem alma nem amor.

Santa Cruz é minha terra,  
Terra santa, cá do sul:  
Seu pendão a Cruz encerra,  
Tem a Cruz, no céu azul.

Deus, num último batismo,  
Meu país, Brasil chamou:  
Se me abrasa o patriotismo,  
Brasileiro então eu sou.

Eis os nomes, que assinalam  
Minha terra, sempre em flor:

São três nomes, que me falam  
De beleza, fé e amor.

Pindorama! És meu encanto!  
Santa Cruz! És minha fé!  
Ó Brasil eu te amo tanto,  
Que por ti morrera até!

### A flor do aguapé

À tona das águas, em rios selvagens,  
Que linda não é,  
Abrindo, entre verdes e largas folhagens,  
A flor do aguapé!

Desponta a manhã. No campo e na mata  
Só reina a soidão  
E a humilde ninféia o seu cálix desata,  
Em pleno sertão.

Dir-se-ia um sorriso dos pegos sombrios,  
À luz do arrebol,  
Ou beijo que as fulvas uieras dos rios  
Atiram ao sol.

Ninguém a cultiva, ninguém a namora,  
Ninguém colherá:  
Só tem a carícia das brisas, que a aurora,  
Piedosa, lhe dá.

Às vezes, perpassa nas asas vibrantes,  
Gentil colibri,  
E a beija e se vai e a bonina, uns instantes.  
Palpita e sorri!

Mas, súbito, a enchente lá ronca e os seus roncoss  
Avançam de além...

E cinzas e folhas e galhos e troncos  
Rodando já vêm.

Já vão camalotes boiando nas águas,  
Aos bandos até!  
Num deles flutua, ai! já murcha de mágoas,  
A flor do aguapé!

– Adeus, ondas mansas do rio onde, outrora,  
Sorrindo nasci!  
Adeus, praias de ouro! adeus, meiga aurora!  
Adeus, colibri!

E o rio a espumar na barranca das voltas,  
Que triste não é!  
Quem sabe onde irá, sobre as águas revoltas,  
A flor do aguapé?

Que Deus se amerceie da flor e das almas,  
Que vão para o além,  
E leve-as ao porto, e que viçam as palmas  
Do amor e do bem!

## Mimosas sensitivas

À beira das estradas primitivas  
Da terra onde nasci,  
Alastram as mimosas sensitivas  
A verde alfombra que de cores vivas  
Recama-se e sorri.

Nas horas em que, ao longo do caminho,  
Não transita ninguém,  
Elas desdobram o gentil raminho,  
Sorvendo o zimbros e a luz que, de mansinho,  
Deus lhe chove do além.

Assim festejam nas manhãs suaves  
Ao viajar... Mas, depois,

Calcam-nas pés de aldeões, muares, aves,  
E os grandes cascos bífidos e graves  
    Dos corpulentos bois.

E as pobrezinhas murcham-se e recolhem  
    O seu verde tapiz,  
Elas que temem mesmo até que as molhem  
Águas de manso arroio, ou as desfolhem  
    Asas de colibris.

Almas! que as longas ruas da amargura  
    Desta vida enflorais!  
Sensitivas do mundo que, à luz pura  
Do amor, desabrochais a formosura  
    Dos cândidos ideais!

Oh! não deixeis que aos néscios se desvende  
    Vosso encanto sem par!  
O mundo irracional vos não entende,  
Mas vossos mimos e pudor ofende,  
    Com menosprezo alvar!

Jardim fechado é a solidão, e a calma,  
    Um rócio animador:  
Vinde! que o coração aqui se espalma,  
Como a mimosa, e Deus se infunde na alma,  
Como o sol numa flor!

# Alceste de Castro

---

Alceste Antônio de Castro nasceu em Corumbá em 1919 e faleceu em Campinas (SP) em 2000. Advogado e jornalista. Procurador federal. Autor de *Corumbá de antigamente...*, *Literatura Corumbaense*, *Baladas de Sonhos*, *Cantos heróicos*, *Crepusculares*, entre outras.

## Velho Farol

Velho farol que ouves os cantadores  
Rio descendo ou subindo...  
E que ficas piscando, alegremente,  
Ao chorar da corrente,  
Vendo a terra tão clara e o céu tão lindo!

Vais escrevendo no infinito a história  
De um rio... de uma cidade...  
Passam as águas, homens... passam barcos...  
E iluminas os charcos  
Mostrando o rio e olhando a imensidade...

Aos que vêm: boas-vindas – aos que vão  
Um adeus, num piscar...  
Lenços brancos voando na barranca...  
E a terra toda branca  
De saudade, de lenços, de luar.

O Paraguai conta-te histórias tristes  
De afogados, de iaras...  
Ouves e choras – e a corrente leva  
A borbulhar, na treva,  
Lágrimas feitas de esmeraldas raras.

És um monge a rezar, esguio e negro  
Com uma vela na mão...  
Rezas soturnas, lúgubres, horríveis,  
Dos gênios invisíveis  
Que andam gemendo pela solidão?

Ou vagalume preso em alto poste  
Em eterno fosforear...  
E quer fugir, ouvir os pecadores  
Falar dos seus amores  
Em noites claras, brancas de luar?

Ou és feito das lágrimas brilhantes  
Das grandes despedidas...  
Das promessas, das juras que morreram  
E no rio se perderam,  
E nunca mais serão vividas?

Não sei... não sei... que tantas coisas lembras  
Nesse eterno luzir...  
Estrelas, monge, pirilampo, guia  
Que ficas noite e dia  
Dando um adeus para os que vão partir...

Velho farol que espia de um rochedo,  
Os que vêm... os que vão...  
E que parece uma menina arisca  
No eterno pisca-pisca  
Desse namoro com a cerração.

## Corumbá

Minha terra é toda branca,  
Branca e pura como a cal,  
Fica no alto da barranca  
Que domina o Pantanal.

Minha terra é toda d'ouro,  
Tem um céu da cor do anil,  
Ela é o maior tesouro  
Dos sertões do meu Brasil.

Tudo nela tem poesia,  
Tudo nela é riso e flor,  
Cantam aves, noite e dia,  
Num poema só de amor.

Minha terra é encantada,  
Como ela outra não há.  
Minha terra é a grande fada,  
Minha terra é Corumbá.

Pelos seus montes infindos,  
Tão distantes, tão azuis,  
Do céu baixa, em dias lindos,  
Um cruzeiro só de luz.

E essa luz que a fé encerra,  
Que fascina os olhos meus,  
É d'alma da minha terra  
Que procura o altar de Deus.

Minha terra de almas mansas  
Da sagrada e eterna cruz,  
Tem o riso das crianças  
Que brincaram com Jesus.

Nela existem ritornelos  
De eras idas, imortais,  
Minha terra tem castelos  
Das cruzadas medievais.

Minha terra tem beleza  
Que jamais noutra diviso.  
Nela toda a natureza  
É um jardim do paraíso.

Como o dia é eternidade  
Quando longe estou de lá!  
Nestas noites de saudade  
Como adoro Corumbá!

## Maria

Quando o inverno chegar e o teu lábio vermelho  
Desbotar e murchar como no outono a flor,  
E ficares velhinha, eu ainda mais velho,  
Ou, quem sabe, somente uma lembrança for,

No oratório, contrita, a rezar, de joelhos,  
Alvo lírio no ocaso a exalar santo olor  
O passado verás refletindo no espelho  
De tua alma, e dirás pensando em nosso amor:

"Minha vida é um luar sobre o vale tristonho  
Da saudade, prateando o castelo do sonho  
Onde de ouro e jasmim a paixão se reveste.

Nas mãos da virgem santa a cor não perde a rosa  
Enquanto houver o céu sempre serei formosa  
Nas baladas de amor que dedicou-me Alceste.

## Mato Grosso do Sul

Este solo sagrado que encerra  
Deste povo o mais puro ideal,  
É o Brasil que renasce na terra  
De Albuquerque e Moreira Cabral.

Somos todos, do Norte ou do Sul,  
Brasileiros das terras do sol.  
Para nós, neste céu sempre azul,  
Ao nascente há o esplendor do arrebol.

Todo o instante, sempre alerta,  
Com firmeza varonil,  
É o gigante que desperta  
Na grandeza do Brasil!

Mato Grosso do Sul, nova estrela  
Que desponta na nossa bandeira,  
A fulgir, tão serena e tão bela  
Na amplidão da Nação brasileira.

Para frente: Buscando mais glórias,  
Bandeirantes da nova cruzada,  
Em noss'alma há canções de vitórias  
E o fulgor dos canhões da alvorada.

Todo o instante, sempre alerta,  
Com firmeza varonil.  
É o gigante que desperta  
Na grandeza do Brasil!

## Canção do boiadeiro

Sou boiadeiro, nas matas me embrenho  
E enfrento tudo o que der e vier.  
Não temo onças nem touros selvagens,  
Só me deslumbra um olhar de mulher.

Durmo ao relento e ao clarão da alvorada  
Salto da rede e encilho o alazão.  
Vou galopando entre espinhos e flores  
Pelos corixos do meu coração.

Se pulo a cerca dos tempos de outrora,  
O ponche ao vento, me vejo peão.  
E esta alegria que trago em minha alma  
É mais ardente que o meu chimarrão.

Mas arrebento o curral da saudade  
Para laçar o que nunca se alcança:  
– Essa potranca da Felicidade  
Montando o arisco corcel da Esperança!

## Rio Paraguai

Meu Paraguai das noites de São João  
Daqueles tempos bons quanta distância...  
Longe vai o meu barco da ilusão  
Deslizando no rio da minha infância...

Pinturesco, no inverno ou no verão  
Teu leito sobe, desce... na constância  
Climática de cada uma estação,  
Ora trazendo a seca... ora a abundância...

Vão e voltam cantando as tuas águas!  
Mas, no meu coração as grandes mágoas  
Fizeram dele um pantanal tristonho.

Nas grotas do passado as dores soam  
E as garças brancas da saudade voam  
Na planície alagada do meu sonho.

# Aldo de Queirós

---

Aldo de Queirós nasceu em Paranaíba, em 1934. Foi professor, advogado e jornalista. Faleceu em 1986. Sua principal obra é *Com os pés na terra*.

## A borboleta

Sob um sol de ouro  
que reflete  
e se repete  
nas águas rasas

do riacho  
que gracioso  
deleitoso,  
s'escorrega sobre as rochas,

a borboleta  
displicente  
molemente  
bamboleia  
revoluteia.

Nas asas frágeis  
ágeis,  
que passeia  
sobre a areia

A Natureza  
contempla  
pasmada  
realizada

a obra monumental  
que concebeu  
e aconteceu  
na flor animal.

## Ser poeta

Não basta apenas sentir a Beleza,  
nem basta interpretar a Natureza,  
viver a mágoa, a angústia, a dor, o amor.

Há que se somar a isso cultura:  
rima, métrica, cadência, cesura  
e um mar de regras que se fez impor.

Ser poeta ou fazer-se poeta?  
Resta-me uma terceira condição:

do bom volante, mas analfabeto,  
que desconhece sinalização.

## Opinião

Não gosto, por simples que sou,  
da poesia sofisticada,  
de gramática rebuscada.

Aos meus versos se rimas dou  
hão de ser em tom natural.  
Desprezo o artificial.

É como a moça bonita  
que embora faceira, catita,

traz sob uma pompa em orgia  
a pobreza da alma vazia.

## Contraste

O sol se esparrama na calçada  
aquecendo a família desgraçada  
que mendiga, a quem passa, o pão do dia.

No rosto adulto marca a dor imensa  
e transforma a revolta em descrença;  
no da criança, que brinca, a alegria...

Inda bem que você, pingo de gente,  
– que vegeta sua vida malsã –

desconhece, em seus sonhos de inocente,  
que a vida se compõe de amanhãs.

## Urubupungá

Tranqüilas, serenas, majestosas  
Espriam-se brandas, preguiçosas  
As águas do lendário Paraná.

Adeus à vertente caudalosa,  
Lençol de espumas rumbosas,  
Cenário de idade milenar!

Grafando uma página de glória  
– Quiçá do Destino empossado –

O Homem realizando História  
Legou Urubupungá ao passado.

## Fadário

Caminhos vários tenho andado  
à cata de sonhos quebrados  
que ao todo jamais recompus.

Das cinzas da esperança morta  
renasce alento que conforta  
e de novo à luta me induz.

E assim tem sido constante,  
vivendo de alguns instantes,  
sem contudo retroceder.

Nos escombros do meu passado  
não ficou jamais soterrado  
o meu desejo de vencer.

## Histórias da minha história

São tantas, tantas as minhas histórias  
que contá-las todas nem mesmo eu sei.  
Registros de fracassos e vitórias,  
poeiras dos caminhos que pisei.

Em cada velho amigo uma lembrança;  
em cada aventura uma vaidade;  
em cada tentativa a esperança;  
em cada desencontro uma saudade...

Tudo tem uma história para contar:  
o amor perdido, a mágoa por chorar,  
como do corpo a simples cicatriz.

São tudo histórias de uma história só,  
que escrevi da vida e escrevi no pó,  
da ânsia imensa para ser feliz.

## Estrada velha abandonada

Sulco fundo, colorido  
de um vermelho esmaecido,  
escoriando o solo agreste...

Linha longa, interrompida  
pela relva emperdernida  
que de verde a tudo veste...

Quantos sonhos... esperanças...  
ilusões desencontradas

percorreram-lhe as distâncias,  
velha estrada abandonada?

## A cruz de cinzas

Sobrevoa o gavião no céu cinzento  
o quadro enegrecido, fumarento,  
em busca das vítimas da queimada.

Só a cigarra seu triste canto ensaia,  
quicá que até mesmo em tom de vaia,  
ao jugo da mão humana desalmada.

Da cruz fincada à beira do caminho  
restou um xis disforme na chapada;

um sinal-da-cruz, em giz, tão branquinho  
no imenso quadro-negro da queimada.

## Mágoas

Mágoas, mágoas, nunca as trago comigo.  
No meu peito, porão de velhas ânsias,  
não encontra em suas reentrâncias  
esta praga o mais ínfimo abrigo.

Ah, mas só sabe Deus como consigo  
vencer-me nas minhas próprias instâncias,  
suprimir a minha própria arrogância  
quando vítima dos falsos amigos.

A vida, porém, me tem ensinado  
que tudo tem seu preço estipulado;  
a tudo um valor reconhecido.

E nesta rígida axiologia  
eu nunca paguei mais do que valia  
qualquer decepção que tenha tido.

## A pena

Ei-la aí! Pequena e frágil  
a espera de u'a mão ágil  
que a conduza a bailar.

Então de mero ornamento  
afigura-se instrumento  
de um perigo sem par.

Dispõe da Morte e da Glória,  
muitos reis já destronou;

Faz peteca da História,  
cujo rumo já mudou.

# Elpídio Reis

---

Elpídio da Silveira Reis nasceu em Ponta Porã em 1920. Foi professor e jornalista no Rio de Janeiro. Foi presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e destacado agente cultural. Entre suas obras destacam-se: *Tempo de saudade*, *O cavalo preto e outros contos*, *Ternura, doce ternura*, *A outra Mona Lisa*. Faleceu em 1997.

## Ter de ficar

Ter no corpo a alma de andarilho,  
Nas veias o sangue de viajante,  
Ver, no porto, à noitinha,  
Majestoso, todo iluminado,  
Um navio partindo,  
Ver na distância um avião sumindo,  
Como um ponto quase invisível  
Até desaparecer,  
Levando para longe quem a gente adora,  
E ter de ficar.

Ver automóveis passando,  
Levando os que se amam,  
Ver as aves voando,  
Duas a duas, donas do mundo!  
Ver um trem correndo  
E, involuntário manobreiro,  
Ter de ficar.

Ver nas estradas, nas águas, nos trilhos  
E até nos ares,  
Os rastros dos que se foram,

Ver a vida se consumindo,  
Ver que os dias que passam  
Não voltam mais,  
Nunca mais,  
E ter de ficar.

É de ter-se pena da gente,  
Uma grande, uma terrível pena  
Do destino da gente!

### Ter de calar

Ter no pensamento  
A plenitude das belas frases,  
No coração o desejo ardente  
De falar, de cantar, de gritar,  
E ter de calar.

Ter o espírito convulsionado,  
As palavras presas na garganta,  
Nos olhos a alegria que embriaga,  
Nos braços e nas mãos o gesto acariciador,  
E ter de calar.

Querer dizer baixinho, ao menos,  
O amor que se tem no peito,  
O segredo dos segredos,  
E, por timidez ou mesmo por imperiosa razão,  
Ter de calar.

Ter a vontade que chega a ser loucura  
De dizer ao mundo o sonho de seus sonhos,  
E não poder falar.  
Melhor seria se o corpo fosse estátua,  
O pensamento apenas vácuo,  
Pois, na mudez, na imobilidade de seu ser,  
Encontraria, certamente,  
O supremo consolo para a vida.

## Meu prêmio

Não jogo na loto, nem na loteria,  
Nem mesmo na esportiva,  
Porque acertar jamais acertaria...  
Pois dois prêmios o destino  
– O que sei desde menino –  
Que eu tirasse não permitiria...  
E se jogasse  
Acho que até de egoísta,  
De olho grande, com justiça,  
Acusado eu seria...

É que já fui beneficiado, aquinhoado,  
Pelo destino – e nem sei por quê –  
Com o maior prêmio,  
O maior presente,  
A maior felicidade  
Que, na verdade, é você!

## Pedido de filho pródigo

Recebe-me, cidade minha... e agora...  
Que volto aos braços teus em nostalgia...  
Já faz tempo... partindo mundo afora,  
Jovem fagueiro te deixei um dia.

Andei palmilhando terras  
Em busca de felicidade e glórias  
Para ofertar-te num buquê florido  
E que imaginei que gostarias...  
Mas volto trôpego e cansado,  
De mãos calejadas e vazias...  
Sem nada do que eu quis, em vão!

Acolhe-me, terra minha, mãe querida:  
Teu filho desgarrado e ausente

Volta trazendo unicamente  
O que sempre por ti pulsou  
E que foi tudo o que restou:  
Um sincero e saudoso coração!

## Quero ser

Quero ser como as águas dos rios  
Que nascem das fontes,  
Que descem dos montes,  
Aos saltos, cantando,  
Cantando e chorando,  
Que vão, sem parar,  
Falando de amores  
Em ternos clamores,  
Que rasgam as terras,  
Que cruzam as serras,  
Caminho do mar.

Que não querem às fontes voltar!

Que levam as folhas  
Envoltas em bolhas,  
Correndo altaneiras,  
Formando cachoeiras  
De força, vigor,  
Crescendo, crescendo,  
Lá vão imponentes,  
– São águas correntes –  
Fazendo rumor.

E que tem uma rota segura!

Que formam as ondas,  
Que morrem redondas,  
Marchando somente  
Em passo de frente,

Com fibra tenaz;  
Que vão para os mares,  
Em loucos cantares,  
E rindo ou chorando,  
Prosseguem, rolando,  
Não voltam atrás.

Quero ser como as águas dos rios,  
Que não querem às fontes voltar  
E que têm uma rota segura,  
Para um dia morrer no meu mar!

## Poesia

Poesia é estado de espírito  
é o gosto pela vida,  
a linguagem do silêncio,  
a mensagem dos mistérios,  
da existência a fantasia,  
conversa consigo mesmo,  
palavra de fé e amor,  
sinal de paz interior,  
é vontade de cantar,  
imaginação passeando,  
é criancinha brincando,  
é a criatura amada,  
é a onda lambendo a praia,  
a estrela beijando o mar.

Poesia é o abraço do amigo,  
é o amor de adolescente,  
é a floresta encantada,  
é a música suave  
do piano ao cair da tarde,  
sentimento indefinido,  
é saudade em curtição,

é ciúme de quem se ama,  
é beija-flor planiplanando,  
é o vôo do passarinho,  
o barco à vela partindo,  
o saveiro regressando,  
o amanhecer nas distâncias,  
o pôr-de-sol no horizonte,  
é a beleza em mil formas,  
a palavra de conforto,  
lembrança dos que se foram,  
sabor do dever cumprido,  
é ânsia, êxtase, oração.

Poesia é a doce lembrança  
da cidade onde se foi criança,  
dos amigos de infância,  
da casa onde se foi feliz,  
é o avião rasgando os ares,  
é o automóvel passando,  
é o trem nos trilhos correndo,  
é a renúncia em favor  
dos entes queridos,  
é o heroísmo dos bravos,  
a simplicidade dos justos,  
é o riacho serpenteando,  
é o céu revestido de nuvens,  
é a chuva trazendo vida,  
é o sol – olho de Deus.

Poesia é o gesto de namoro,  
é o passeio de mão dada,  
é o sabor da esperança,  
é a alegria da mãe  
recebendo o filho querido,  
depois de tempos de ausência,  
quando apenas existia um vazio,  
é a cor que encanta os olhos,

é o som que enebria corações,  
é a classe de um puro-sangue,  
é a amizade de um cachorrinho,  
é da beleza a tradução.

Poesia é a rainha das artes,  
é o sonho que se não traduz,  
o sentimento de quem ama,  
é a inocência dos simples,  
é dos sábios a erudição,  
é a glória dos vitoriosos,  
é o consolo dos mais idosos,  
a gracinha do bebê,  
a vida batendo palma,  
a suprema voz de nossa alma,  
é o cérebro em grande festa,  
é a vida com muita garra,  
e não sei mais o quê...  
Poesia, enfim, é você!

Poesia é tudo o que você me diz!  
Eis por que sou poeta e sou feliz!

## Papel em branco

Vou mandar este papel em branco  
para meu amor;  
não contém palavra alguma,  
nenhuma letra nem sequer um sinal,  
nem mesmo minha impressão digital.  
Mas aposto que meu amor  
entenderá a mensagem que lhe estou mandando.  
Meu amor entende  
até o meu silêncio...  
Compreenderá que esta é apenas  
mais uma página em branco

de nossas vidas;  
saberá ler na brancura deste papel  
aquilo que o destino não permite que eu escreva...  
Compreenderá, enfim, que meu amor continua  
branquinho, sem mancha,  
intocável,  
puro.  
Ela me entenderá...

## Preciso de poesia

Eu preciso de poesia  
como João precisa de Maria,  
como os tristes precisam de alegria...  
Não precisa ser rimada ou complicada,  
muito ao contrário, eu até diria...  
que seja simples, modesta,  
que todos a entendam e a repitam  
e que fale de amor, paz e esperança,  
vida para a frente! otimismo!  
relembre o passado com certa saudade,  
que abomine a mentira,  
que exalte a verdade,  
a pureza, o belo, a bondade,  
que tenha ritmo, melodia,  
que contenha, enfim, os ingredientes  
com que amenizo o meu dia-a-dia...

# Germano Barros de Sousa

---

Germano Barros de Sousa nasceu em Corrente (PI), em 1918. Faleceu em Campo Grande, em 1986. Foi médico militar. Foi diretor do Hospital Geral de Campo Grande (Hospital Militar) de 1969 a 1975. Poeta, sua obra está inédita, encontrando-se esparsa em revistas e jornais.

## As tardes de Campo Grande

As tardes como são lindas  
Desta Cidade Morena  
Lembranças deixando infindas  
Do passar da brisa amena,  
Regressando em revoada  
Aos ninhos a passarada.

O céu se alonga azulado  
Diferente de outros céus,  
Vejam que meu berço amado  
Tem privilégios de Deus  
E o vento em seus guavirais  
Sem outros verdes iguais.

Vejo folhas tremulando  
Ao sopro leve do vento,  
E as nuvens rubras dançando  
No palco do firmamento  
O gado mugindo errante  
Pela colina distante.

Quem haja visto me conte  
Se em outro lugar se encerra

O poema do horizonte  
Como existe em minha terra,  
Quando o manto vem descendo  
Das tardes que vão morrendo.

Faço o convite em meu verso  
Que venha sem demora  
Todo o povo do universo  
Bem depressa contemplar  
O quadro de um sol poente  
Deslumbrando tanta gente.

## Recordações

Guardo em meu peito para sempre adunca  
Uma doce lembrança  
Uma saudade que não morre nunca  
Dos tempos de criança.

Lembro-me bem... A casa da fazenda  
E a velha mangueira  
Onde à tarde vovó a fazer renda  
Passava a tarde inteira.

E às noites lindas de luar de prata  
Quão doce a minha vida  
Sentindo os beijos e a carícia grata  
De minha mãe querida.

Meu coração palpita com pujança  
Soltando tristes ais  
A evocar os tempos de criança  
Que nunca voltam mais.

Guardo em meu peito para sempre adunca  
Uma doce lembrança  
Uma saudade que não morre nunca  
Dos meus tempos de criança.

## Madona

*Para vovó Lúcia*

Minha madona que encontrei na vida  
Que me tem dado tanto acolhimento,  
Quanto mais passa o tempo, mais querida  
Entronizada em meu sentimento.

Mãe dedicada na luta recebida  
Num belo exemplo de devotamento,  
E quando alguém padece, enternecida  
Procura amenizar o sofrimento.

Em seus lábios há sempre uma oração  
E acordes maternos de uma canção  
Afangando meus filhos com ternura.

Em seus cabelos vai caindo a neve  
E a Deus eu peço que não venha breve  
O sono eterno dessa criatura.

## Se ficarmos velhinhos

Se ficarmos algum dia velhinhos  
E a neve nos cabelos, minha amada,  
Lembraremos quando nós dois sozinhos  
Demos as mãos ao romper da alvorada...

Amor e lutas, às vezes torvelhinhos  
Empoeirando a nossa caminhada,  
Vendo tristes, desfeitos outros caminhos  
Solitários à margem das estradas...

Em vigília cuidando as crianças,  
Nossos filhos, com muitas esperanças,  
Pensando em dar-lhes mais felicidades...

Se ficarmos velhinhos, certamente  
Ao lermos estes versos novamente,  
Recordaremos lívidas saudades...

## Conselhos paternos

Segue, meu filho, ao longo do caminho,  
que o destino em teu nome tem traçado;  
Entre rosas encontrarás o espinho  
nas folhagens às vezes camuflado...

Terás teus companheiros, mas cuidado,  
porque não podes ser um adivinho;  
Se a sorte é boa, serás cortejado  
e se é má, ficarás quase sozinho...

No amor existem muitas frustrações  
e sonhos que não passam de miragem  
prazer no início e depois decepções...

E enquanto o tempo célere se esvai,  
Um dia lembrarás pela viagem  
Dos conselhos amigos do teu pai...

## Ave-Maria

Quando as sombras da tarde vêm chegando,  
alongando nos campos nostalgia,  
quantas lembranças, fico recordando  
a minha mãe rezando a ave-maria.

Meu lugarejo, ao longe, trovejando,  
na capelinha e sino então plangia,  
e ao regaço materno me abraçando  
bem descuidado eu a sonhar dormia.

Nos meus versos cantando com saudade,  
na tristeza da minha soledade,  
vivo somente de recordação.

E em meu entardecer constantemente  
escuto o sino a badalar plangente  
na capelinha do meu coração.

## História de amor

Quantas saudades da manhã da vida  
Daqueles belos tempos já passados,  
Quando nós dois, então, minha querida,  
Ficamos desde logo enamorados.

Depois da jornada empreendida  
Temos vivido bem recompensados,  
Em alegria em dor sentida,  
Unidos sempre e nunca separados.

Enquanto vem o entardecer chegando  
Nossos filhos vão todos enfeitando  
O nosso verso no altar do coração.

Até um dia ao fim da caminhada  
O silêncio da morte na estrada  
Fizer nossa final separação.

## Serenata

Já era tarde e a lua clareava  
A vastidão das ruas da cidade,  
E eu pensativo e triste comtemplava  
O firmamento em tanta claridade.

No arvoredos o vento sibilava  
E o som morria na imensidade,

Ela veio de leve e me beijava  
Na minha solidão, era a saudade.

Fiquei a escutar um trovador  
Talvez para acordar o seu amor  
Sob os acordes do seu violão.

Recordações das noites já passadas  
Em minha mocidade em caminhadas  
Suas serenatas lá no meu sertão.

# Henedina Hugo Rodrigues

---

Henedina Hugo Rodrigues nasceu em Guaxupé (MG) em 1918. Professora, casada com o professor e jornalista J. Barbosa Rodrigues. Prestou relevantes serviços à cultura sul-mato-grossense. Sua produção poética continua inédita. Faleceu em 2001.

## Ansiedade

Quando eu for para longe...  
Quando puder navegar pelos mares tão mansos e azuis,  
Quando eu puder voar pela amplidão dos céus,  
Sem rumo, ao léu, ao vogar das correntes sussurantes,  
ou ao estrépito da tempestade bravia...  
Como serei feliz!

Como serei feliz  
em poder libertar-me,  
Romper os laços destas correntes que me prendem,  
me tolhem, me seguram com vigor...

Poder partir, sem lembranças,  
Sem ninguém, a ninguém ver,  
Caminhar sem destino  
Vendo apenas a natureza,  
Que beleza!

Quando eu puder libertar ao menos o pensamento  
Para ter o coração tão livre como o vento.  
Aí, eu viverei  
Eu serei feliz

Porque nada terei, nem serei  
O peso de todas as coisas vãs,  
Que me tolhem, me prendem, me acorrentam  
fazendo-me sentir a minha vida inteira  
o verme que sou, vegetando na poeira!...

## Salve, terra morena!

Tu que vens de longe, ó cansado viandante!  
Que tens magoados os pés, dum longo caminhar  
Por paragens longínquas... tão distantes...  
Descansa em nosso abrigo! a noite vai chegar!

Buscas água? – cristalina fonte borbulha sussurrando.  
É o amor que buscas? – almas amantes esperando estão,  
Sob cúpula estrelada dormirás sonhando,  
Em manhãs formosas os sabiás te acordarão.

Aqui, amenas brisas murmuram docemente,  
Aqui, sempre perene é a vegetação;  
Onde a civilização campeia ingente:  
Esmeralda rútila engastada no sertão.

E quando o sol radioso tua existência vier doirar,  
Quando em bonança o teu barco velejar,  
Debruça-te osculando a terra hospitaleira  
Que vela por tua Pátria, a Pátria brasileira.

Que então teus lábios cantem um hino de ternura:  
– Salve, Campo Grande – terra morena, ninho acolhedor!  
Berço de pioneiros, oásis de ventura!  
Onde começa o céu, onde começa o amor!

# Júlio Alfredo Guimarães

---

Júlio Alfredo Guimarães nasceu em Salvador (BA), em 1913. Militar. Radicou-se em Campo Grande. Faleceu em 2002. Dentre suas obras destacam-se: *Rondon e a natureza*, *Refúgio d'alma* e *Mensagem de amor e paz*.

## Noite vazia

Pela rua deserta  
Só os meus passos ouço  
O pensamento longe  
E quase que absorto  
Caminho vagaroso  
Tristonho e pensativo  
Sem saber até mesmo  
Por que vivo...

Ali à minha frente  
Um homem vejo  
Deitado na sarjeta  
Imundo e maltrapilho.  
E eu penso na mãe  
Que embalou este filho...  
Quantos sonhos desfeitos...  
Quantas decepções...

Aquele desgraçado  
Bem podia ser eu.  
Se escapei ao infortúnio,  
À desgraça, à miséria,

Ao sofrimento, à dor,  
Devo, unicamente,  
Ao meu grande amor.

Continuo pensando  
E em divagações estéreis  
Chego a conclusões  
As mais desencontradas  
E julgo  
Que aquele desgraçado  
Que na rua adormece  
Na lama da sarjeta  
Seja vítima daquilo  
Que me faz tão feliz:  
O amor.

## A árvore

Trate a árvore como um ser amigo,  
Pois ela também tem vida como nós.  
Não a maltrates e nem lhe dê castigo  
Seja seu benfeitor e não algoz.

Veja-a como o poeta: a árvore ri e chora,  
Sente o golpe fatal; na folha murcha, o pranto;  
O seu sorriso é a flor, o fruto, muito embora  
Alguns não vejam isso; entretanto

Se servem de seus bens; e com fartura,  
Respiram seu oxigênio em profusão,  
A ela recorrem do berço à sepultura,

Sem ver que ela é a imagem do perdão  
Que perfuma o machado que a corta  
E continua a servir mesmo caída e morta.

## Meu Brasil

Se algum dia...  
Meu Brasil,  
Me faltar a visão  
Para admirar tua beleza sem fim...  
E a imponência do auriverde pendão.  
Se me faltarem as mãos,  
Para bater palmas em teu louvor,  
Se me faltar a voz,  
Para te bendizer,  
Se me faltar a audição,  
E não mais puder ouvir tuas meigas cantigas,  
A divina e grandiosa harmonia do teu Hino,  
Enfim...  
Se me faltarem alguns desses órgãos e sentidos  
Ou mesmo todos...  
Mas...  
Se ainda existir um pouco de vida...  
Em meu coração e em meu cérebro,  
Que são as fontes perenes do Amor...  
E das grandes realizações...  
Sentirei o gozo e a felicidade de amar-te  
Mesmo assim...  
Dentro de meu grande infortúnio  
E da minha dor infinita...

## Rondon e as vozes

Pudesse ouvir a voz de mil florestas  
E todas nos diriam em tom de festas  
Rondon aqui passou...  
Minha sombra eu lhe dei como agasalho  
Nos seus postes feitos de meus galhos  
Os fios tagarelas esticou  
E sinto-me feliz por ter servido a ele

Pois servi aos meus filhos bronzeados  
Que ele tanto amou.

Diria o rio em vozes delirantes  
Mitiguei sua sede causticante  
Seu corpo aqui banhou  
Lhe servi como um guia do deserto  
Pois em mim ele teve rumo certo  
Meu leito navegou.

Diriam também os pássaros cantando  
Quanta vez aqui o acordamos  
Ao clarear do dia  
Para a labuta dura das picadas  
Que depois ele mesmo fez estradas  
Para nossa alegria.

# Mariano Cebalho

---

Mariano Cebalho nasceu em 1896, em Cáceres (MT). Radicou-se em Campo Grande, onde foi professor e funcionário público. Faleceu em 1985. Sua obra continua inédita.

## Sonhos mortos

Em fúria a ventania agita a fronde.  
Das ramagens caídas sobre o solo,  
As folhas, antes verdes, secam, rolam...

Sob as chuvas, o sol, os ventos frios,  
Jazem todas feridas pelos gumes:  
Da intempérie inclemente em desabrigo.

Do agreste odor, do aroma desprovidas,  
Imersas em silêncio permanecem  
Quietas, tristonhas, fulvas, laceradas.

Quando, porém, tocadas pelos ventos,  
Umam rolam sem rumo, displicentes;  
As outras ficam presas pelas sebes.

Assim iguais a essas folhas secas,  
Na palidez, na escassa fulgurância,  
Têm elas o sentido dos meus versos.

Simple sendo, contêm revivescências  
Das minhas esperanças fenecidas;  
Dos tempos maus, dos dias fascinantes.

E que, findos embora, embora extintos,  
Ressurgem vivos dos meus sonhos mortos  
Como da própria cinza a fênix brota.

## Campo Grande em retrospecto

### I

Sob garoa, névoas de neblina;  
Ranchos, casebres, tendas isoladas;  
Cercas de arame, prédios sem calçadas:  
Vi assim Campo Grande, a flor sulina.

Vi Campo Grande, assim: uma menina.  
Após as chuvas, ruas alagadas,  
De lama as suas vestes salpicadas  
Tal como em seu labor a campesina.

E, antes de urbe ser, urbe grã-fina,  
Núcleo fora de vidas assustadas,  
Vidas pelos estranhos perturbadas:  
Mestres em lutas, jogos, na clavina.

### II

Nesse início de vida tumultuária,  
A tudo colocar, pôr nos lugares,  
Vieram em comando, os militares,  
E com eles a ordem necessária.

Temerosos da lei, antes precária,  
Buscaram os valentes novos ares,  
E ficaram os bons formando os lares  
No amanhã da lavoura, e pecuária.

Surge a NOB! Da plaga já lendária,  
Restos hostis à lei, irregulares,  
Eis partem pressurosos com seus pares:  
Mete-se em fuga o aventureiro, o pária.

### III

Nova era desponta promissora,  
Qual bomba Campo Grande, então, explode.  
A contê-la, Deus só, ninguém mais pode.  
Confirmara-se a fase redentora.

A menina crescia sedutora.  
Tom vago de morena nela eclode.  
E cantos inspirando, versos, ode:  
Ela braços atrai, mão construtora.

Ao eco da explosão alentadora,  
Aos do labor o ânimo sacode.  
E demandando à terra que os acode:  
São do progresso a força propulsora.

#### IV

Nesse avanço tenaz, e persistente,  
Prever té onde irá ninguém se atreve.  
Que grandiosa será, já o tempo escreve  
Nessa marcha de ritmo ascendente.

Até seu povo, no viver fervente,  
A tudo ousa, a luta não prescreve.  
Da meta que a seduz, o nome inscreve  
Num sonho sublimado, transcendente.

É como a vejo agora, resplendente!  
Imensa pelo tempo assaz tão breve.  
Sorte minha na pena que descreve  
Em antes vê-la, e vê-la no presente.

### Mas Deus pondera

Pelas eras perdidas no Infinito  
Certo, nômade fui nesse passado.  
Bárbaro errante que viveu proscrito  
Num mundo de mistérios, circundado,

Talvez fosse, também: verde ou mito;  
Planta, inseto, jaguar, verme esfaimado,  
Matéria amorfa, fero monstro alado  
Eu tenha sido; e mesmo até granito.

Homem, agora, ser evoluído  
Por sucessivas mutações, sofrido,  
Ir-me, pensei, ao céu, sem mais tormentos.

Mas Deus, supremo autor de quanto existe,  
Pondera: ao céu irás, de onde partiste,  
Prantos inda terás, mais sofrimentos.

## Buriti

Quando, isolado, eu vejo um buriti,  
Um mundo de lembranças ele me evoca,  
Ele me lembra cenas que vivi  
Em tempo que saudades me provoca.

Pronto o meu pensamento se desloca,  
Os meus antigos campos a rever.  
Essa recordação que assim me toca,  
Não posso abandonar, nem esquecer.

Porque, menino, pelo campo afora,  
Antes do sol, no despontar da aurora,  
Corria com meu pai a nossa estância.

Agora, quando um buriti eu vejo  
A cena que eu guardo, nele revejo  
Das minhas lides pastoris na infância.

# Rubens de Castro

---

Rubens Mendes de Castro nasceu em Lençóis (BA) em 1915 e faleceu em Cuiabá em 1999. Foi funcionário público estadual. Trabalhou por muitos anos em Corumbá. Publicou *Alma Cigana* e *Flor dos Aguaçais*, ambas de poesia. Deixou cinco obras inéditas. Foi excelente trovador.

## Maria Aparecida

A Maria Aparecida  
Que surgiu em minha vida  
Cheia de graça e de luz...  
– Gostava de ver Maria  
Aos pés da outra Maria,  
... da Maria de Jesus!

Ao findar a ladainha  
Que rezava muito a sós...  
Pensava que fosse minha  
A Maria, graça e luz!...

Mas, terminada a novena,  
Constanei cheio de pena  
Que havia outro entre nós!...

– Hoje a Maria da Graça  
Virou Maria Pirraça,  
Ao destruir meus amores,  
Ao apagar minha luz!...

– É a Maria das Dores,  
– Minha Maria da Cruz!

## Sonho de poder

Meu pai, quando traçava meu destino,  
Orgulhoso, apontando, dizia:  
Este filho querido, este menino,  
Vai ser uma das glórias da Bahia!

Ao proferir tamanho desatino  
Como foi bom meu pai! Não antevia  
Meu futuro de eterno peregrino,  
Nessa luta feroz de cada dia!

Hoje, porém, do antigo lar disperso,  
Apontando meu filho, assim repito:  
Vai ser a maior glória do Universo!

## No dia em que eu morrer

Não quero o pranto em faces maceradas,  
Nem o triste gemer dos camaradas,  
Nem sombra do sofrer...  
Não quero sino em dobres a finados,  
Nem que meus filhos fiquem desolados  
No dia em que eu morrer!

Com meu batel de dores, solitário,  
No mar da vida sigo o meu fadário  
De amargurado ser!  
Sem queixas arrastando a cruz, embora,  
Raia só venha desejada aurora,  
No dia em que eu morrer!

A morte, esse fantasma dissolvente,  
Quando abrir-me o seu seio irei contente  
Noutros mundos viver...  
Pois deixando esta terra, este suplício,  
A outra vida melhor darei início  
No dia em que eu morrer!

Cansado ator que almeja eternas férias,  
Do palco deste mundo de misérias  
Jamais quero saber!  
Da tragédia da vida – na ribalta,  
Que não maldigam do poeta a falta,  
No dia em que eu morrer!

Quando afinal se der meu passamento,  
Que não seja motivo de lamento,  
É este o meu querer.  
Que não murmurem lástimas sentidas  
E nem derramem lágrimas fingidas  
No dia em que eu morrer!

Quatro velas chorando sobre a mesa,  
Em tudo, a mais profunda singeleza,  
Eis o meu parecer.  
Um negro esquife com pendentés alças  
E humilde banda executando valsas  
No dia em que eu morrer!

Dispensar a dor, o luto, a hipocrisia,  
Da vil humanidade que esvazia  
A taça do prazer...  
Quero o pranto febril que a natureza  
Derramará, por certo de tristeza,  
No dia em que eu morrer!

E a natureza, neste dia, inteira,  
Virá trazer a nota derradeira,  
Num profundo gemer...  
E o sol se esconderá no firmamento  
Para enlutar a terra, de momento,  
No dia em que eu morrer!

E a lua, minha eterna namorada,  
Ao sentir-se tão só, tão desprezada,  
Não sei que irá fazer!...

Talvez que desvairada e soluçante  
Se esconda numa nuvem do levante,  
No dia em que eu morrer!

Quando a noite cair profunda e grave,  
Na humilde cruz por sobre a trave  
Um mocho irá descer...  
– Macabro embaixador de alegres ninhos,  
Virá trazer o adeus dos passarinhos  
No dia em que eu morrer!

## Trovas

De gota em gota, pingando,  
Sem ver que a chuva parou...  
– Goteira – é a casa chorando,  
Porque você não voltou.

Naquele quarto onde outrora,  
Nosso amor viveu... sonhou...  
Sua boneca que chora,  
Me vendo triste... chorou!

Você partiu... quantos anos...  
Nem sei se o mundo parou!...  
E apesar dos desenganos,  
Você partindo... ficou!

Conserva o mesmo semblante,  
A mesma voz... mesma cor...  
Porém, depois do transplante,  
Maria mudou de amor!

Meu grito ninguém escuta,  
Minha angústia ninguém vê,  
Ninguém me ajuda na luta,  
Que tem um fim: é você.

Não tem seita e não tem casta  
Não tem idade nem cor...  
Dos corações – não se afasta,  
Seu nome próprio – é AMOR!

Como a gota cristalina  
Faz a grandeza do mar,  
O amor – centelha divina,  
Faz o universo girar!

Não vou viver algemado,  
A um amor que já morreu,  
Pois se o que morre, é passado,  
Quem vive dele é museu!

Quanta glória nos três mundos,  
Destas jóias com três brilhos...  
– Os três amores profundos,  
De mãe, da esposa e dos filhos!

Quem quiser em cova rasa  
Sepultar-se no tormento,  
Traga um amor para casa,  
Tendo um outro em pensamento!

Foi teu amor – eu suponho,  
Na minha vida vazia...  
A fantasia de um sonho,  
De quem sonhando... vivia!

O nosso amor é um castelo  
De colunas medievais:  
Quanto mais velho – mais belo,  
Ressurge dos temporais!

Da vida – na passarela,  
Meus desfiles foram dois:  
Primeiro – passei com ela,  
Eu e a saudade... depois!

Onda, você que foi vaga  
E os sete mares correu...  
– Aquele amor que naufraga,  
Joga na praia que é meu!

Depois da morte, querida,  
Se tudo não se acabar...  
Na vida – da outra vida,  
Quero morrer de te amar!

## Mato Grosso do Sul

Mato Grosso do Sul, terra bendita,  
Que desperta feliz e que se agita  
Buscando os louros que a vitória traz...  
Eu te saúdo, meu torrão sagrado  
Em teu afã de seres o Eldorado  
Refúgio santo de grandeza e paz!

Quero em versos cantar as manhãs claras,  
O céu azul, como as belezas raras,  
Dos cenários de mágico esplendor...  
– E do passado, desdobrando os mantos,  
Trazer à tona os teus reais encantos  
Nos ternos madrigais do meu amor!

Na placidez dos campos viridentes  
Os rebanhos ondeiam pacientes,  
Na rotina do manso pastejar...  
Sob a agudez da vista dos vaqueiros,  
Estes humildes e leais obreiros  
Do progresso que marcha sem parar!

Quero exaltar o Pantanal bravio,  
O ex-mar de Xaraés, um desafio  
Em busca de futura solução...

– E a riqueza da fauna pantaneira,  
No perlongar sutil da onça matreira  
Nas lonjuras perdidas do sertão!

Quero cantar com voz altissonante,  
Toda a gama da flora exuberante  
Que veste esta planície colossal...  
– Espécies das mais raras, aos magotes,  
E a verde procissão dos camalotes  
Boiando sobre o espelho de cristal!

Mato Grosso do Sul, que vive agora  
O róseo despertar de nova aurora  
Perseguindo os triunfos que virão...  
Tens no culto à Memória augusta e santa,  
A certeza de um sol que se levanta  
para inundar de luz o teu brasão!

## Cabelos brancos

Alguns cabelos brancos já surgiram  
Ornando minhas têmeoras cansadas,  
– Sinais dos fados que me perseguiram  
No percurso das árduas caminhadas!

Muitos, ao tê-los, de pesar suspiram,  
Do tempo – ao penetrarem nas arcadas;  
Outros, sorrindo, de prazer deliram,  
Limpendo o pó cinzento das estradas!

Do meu crânio que pensa, nos dois flancos,  
Sem que me altere a singular figura,  
Bendigo a vinda dos cabelos brancos!

Cabelos que por certo me trouxeram  
Os prelúdios da paz e da ventura,  
Que o ébano dos outros não me deram!

## O egoísmo

O egoísmo – monstro informe  
Que a tudo vence e consome...  
Quanto mais tem, mais deseja,  
Nada aplaca a sua fome!  
Praga moral repelente  
Que projeta de repente  
As garras da escravidão  
– Irmão gêmeo da ganância,  
Delira e freme na ânsia  
De ter o mundo na mão!

## A vaidade

A vaidade é uma mendiga  
Com brocados do Oriente;  
Vive à cata de elogios  
De quem bajula e quem mente!  
É uma cortesã mesquinha,  
Comensal da louvaminha  
Já sem virtudes e brio...  
É a grandeza e a opulência  
Do fracasso e da falência,  
Sem o senso do vazio!

# Arnaldo Serra

---

Arnaldo Olavo de Almeida Serra nasceu em Cuiabá, em 1885. Foi professor, jornalista e poeta. Viveu parte da vida em Corumbá. Faleceu em 1943. Deixou as obras *Páginas íntimas*, *Aromita*, *Cenas da minha terra*. É patrono da cadeira n. 25 de Academia.

## Aromita

Na minha infância  
Que eu recordo hoje  
Engolfado nas brumas da Saudade,  
Eras, apenas, o espinheiro  
Agreste  
De folhas rendilhadas  
E flores amarelas  
Formato dos arminhos,  
No esmeraldino seio do vargado  
Onde a brisa gostava de ir brincar,  
– Esponja, diziam os namorados que passavam...  
Depois... depois que os sonhos  
Dos casulos de painas cor-de-rosa  
Alçaram os vôos  
E os céus do meu viver se iluminaram  
De pudicas quimeras  
Em regiões distantes,  
Fui te encontrar a mesma,  
Solitária, na encosta alcantilada  
Das minhas fantasias,  
Embalsamando a luz das alvoradas  
Com as tuas pequeninas flores sensitivas

Como se, então, soubesses em segredo  
Das fugitivas cousas...  
E quis saber mais uma vez teu nome,  
– As bandas do Levante eram outras.  
E alguém passando  
Segredou baixinho  
Na doçura da frase  
Que inda escuto  
Engolfado nas brumas da Saudade,  
Sentindo o teu perfume  
Evocativo: *aromita...*

### Lar venturoso

Eu viajava em noite procelosa,  
Sem fé, sem esperança e sem destino;  
Foste a estrela no céu claro e opalino  
Que me fez hoje a vida cor-de-rosa,

E a tormenta mudou-se-me, maviosa,  
Tão cheia de emoções ao peregrino,  
Que o sol detém-se sem chegar a pino  
Na abóbada divina e remansosa.

E jornamos a estrada. Eu, satisfeito,  
Sentindo do teu seio e do meu peito  
Uma orquestra infinita de afeição;

Tu, das profanas cousas esquecida,  
Fazendo do teu lar sagrada vida  
E da sagrada vida o coração.

### Coração pequeno

Faz tempo já que a filha pequenina,  
Que sete anos, apenas, tem de idade,  
Sai à luz da primeira claridade,  
Apanhando a gentil, casta bonina

Que encontra no quintal. E na divina  
Visão subtil de sua castidade,  
Entra na sala na maior surdina,  
E sorrindo, na sua ingenuidade,

Vem a gentil corbelha me ofertar.  
E penso: se é grande o imenso mar,  
O imenso céu... maior é o Criador

Que pôs o afeto, um mundo de grandeza,  
Todo o esplendor, enfim, da Natureza,  
Na corola pequena de uma flor...

### Jaó

Canto dolente, evocativo canto,  
Que a alma nos punge doloridamente...  
Parece a su'alma é alma da gente,  
Onde a Saudade chora amargo pranto.

Por cousas invisíveis que a silente  
Viração que há nas matas, fala tanto,  
Mormente quando a tarde estende o manto  
Nostálgico da noite, e no poente

A lâmpada do céu vai se apagando,  
E a quietude como que falando  
Na grandeza da morte que há chegado...

Cantas ainda. A lua, despertando  
Vem carinhosa o coração banhando  
De uma misto do presente e do passado...

### A queimada

Agosto!  
No céu plúmbeo e sereno  
Que tanto me recorda o tempo de criança,  
As bandas que vivi,

Há qualquer cousa de ígnea aparência  
Como se alguém a incensar tivesse  
De místico perfume  
O ambiente...

De quando em vez,  
No entanto, lá vem uma fuligem  
Que a mansa brisa agita  
Como quer.  
– Foge se a buscamos,  
– ou chega se fugimos,  
– como se algo tivesse de mulher...

Vem de bem longe,  
De lá do campo onde o ensombrar da noite  
Melhor esculpe de oiro a flama da voragem,  
E onde o avestruz na linfa que serpeia,  
Corre veloz e embebe as frouxas penas  
Para o aceiro do estremado ninho.  
Longe grita o guará atônito de medo,  
Fitando as profundezas do infinito...

É a queimada.  
A coivara, depois, à espera das primeiras chuvas.  
Como se a Natureza traduzisse a vida,  
No espontar dos ramos, o expandir das flores,  
No sazonado fruto,  
No esplendor da messe,  
Na florescência querida  
Que viesse  
– Do fogo santo da purificação!

## Sabiá

Não cantes mais assim junto à casinha,  
Onde outrora habitaram meus amores;  
Ao lado, a laranjeira branca em flores,  
Trescalava perfumes de rainha.

Quando vinhas carpir as tuas dores,  
Stela aparecia-me à tardinha,  
Na noite do cabelo a flor sustinha  
E nos olhos de luz, quantos fulgores...

Hoje nada mais resta que a pobreza.  
A ilusão partiu. Veio a tristeza  
Chorosa, um dia, se abrigar em mim.

E choro quando ouço o triste canto,  
De quem chora comigo tanto pranto:  
– Sabiá, não mais cantes triste assim...

## Nostalgia

Que saudade que estou sentindo hoje  
Da minha boa terra.

É bem interessante o coração da gente:  
– se está perto, parece que não sente,  
– mas, logo que distante vai ficando,  
– um certo sentimento vê chegando,  
– muito de leve e sorrateiramente...

No entanto, todo este vasto hemisfério  
Dizem que um só amor encerra,  
Dizem que é a mesma terra  
Onde nasceu a gente...

Mas, eu penso, de mim para comigo,  
Que o coração humano  
Assemelha-se bem, algumas vezes,  
Ao coração do meigo passarinho  
Que busca alegre as amplidões do espaço  
E voa...  
E é tudo um bem-estar que o mísero presente,  
Porém, que à luz da aurora,  
Lhe faz recrudescer as afeições de outrora,

Como de Jericó a rosa que murchou  
Largada na corrente.

É é por isso que eu penso  
Ser bem interessante o coração da gente.

## Passado

Dize-me, humano ser, se não crepita  
No tardo coração que tens no peito,  
O acre-doce pungir, já rarefeito,  
Que nos sacode, às vezes, quando grita

A lembrança das cousas – quer desfeito  
O próprio vendaval que a flor agita  
Nas vozes do trovão; a cor da fita  
Langurosa que prende ebúrneo leite,

Ou o perfume sutil, agonizando,  
Como se houvesse, triste, regressando  
De uma noite de mundos constelados...

Qual mísero mortal, que inda vivendo,  
Não tenha à porta da cabana, ardendo,  
A pira de seus sonhos evolados!...

# Rosário Congro

---

Rosário Congro nasceu em São Paulo em 1884 e fixou-se em Corumbá. Foi deputado e intendente em Campo Grande e Três Lagoas. Faleceu em 1963. Deixou entre suas obras: *Inaiá*, *Sombras do ocaso*, *Colunas partidas*, *Outras ruínas*. É patrono da cadeira n. 16 da Academia.

## Na esteira das monções

Que belo o rio! Tardo, sonolento,  
a refletir a mata e o firmamento,  
a deslizar eternamente assim,  
recorda um monge solitário e triste,  
que o lento perpassar do tempo assiste  
rezando as grossas contas de marfim.

Ouve-se ainda o eco que deixaram  
as heróicas bandeiras que o montaram,  
– faiscante esteira do paulista audaz –  
e o extermínio repercute ainda  
da mais rica monção, galharda e linda,  
ao grito aterrorador dos Paiaguás.

Dos vendavais de um século se ufana  
esta enorme figueira, soberana,  
que os barrancos domina e o pantanal.  
Dos matinais gorjeios a cascata,  
para saudar o dia, se desata  
em acentos de módulo cristal.

Para além, na planeza, o olhar se perde.  
Expandem-se a pastagem sempre verde

e ondeiam, verdes, os canaviais.  
Corta, veloz, o cervo o descampado.  
O vaqueiro recolhe o nédio gado  
para a labuta rude dos currais.

Na placidez da correnteza lenta,  
o cardume dos peixes arrebenta  
em lampejos de prata pelo ar.  
Das pradarias belas e remotas,  
as garças, colhereiros e gaivotas  
vêm, aos bandos, na praia esvoaçar.

Ao múrmuro cair das brandas chuvas,  
abre-se o manto roxo das peúvas  
e toucam-se de ouro os cambarás.  
Do rio o dorso pálido ferindo,  
vai o rasteiro vôo despedindo  
a chusma silenciosa dos biguás.

À tona sobe a lontra luzidia,  
e o caçador, na frágil montaria,  
corre a remadas largas e viris.  
Nas densas copas marginais pousado,  
pávido espreita, o esbelto colo alçado,  
o cinéreo perfil dos baguaris.

Nos altos topos, de alvinegras plumas,  
soluçam melancólicas anhumas,  
pousam, contubernais, as arancuãs.  
Pelos pequenos areais que alvejam,  
os hidrossáurios, lúridos, rastejam,  
sob a esmeralda clara das sarás.

De encantos meu espírito transborda  
e a epopéia única recorda,  
nestas paradisíacas regiões.  
Segue, enlevado, a iluminada pista  
dos que vieram à imortal conquista,  
na glória imperecível das monções.

## As garças

Morre a tarde de rosas na planura,  
no pantanal desce a tristeza agora.  
Branças, tão brancas como a neve pura,  
ao pouso as garças voltam, céu em fora.

Quando refulgem os vitrais da aurora  
na beleza sem par da iluminura,  
o bando, que nas frondes se alcandora,  
parte em revoada sobre a vasa impura.

Aves hieráticas das verdes naves,  
dos silêncios profundos e suaves,  
no sonho azul das Íbis enlevadas...

Lírios alados das regiões serenas,  
trazeis na altura imácula das penas  
a pureza das virgens impecadas!

## O céu inteiro se reflete nela

Da seriema agreste o grito ecoa,  
Suave, o vento no juncal murmura.  
Venusto é o bando de nitente alvura  
que, sobre as águas, plácido revoa.

Panda, uma vela vai boiando à toa,  
É uma vitória-régia que fulgura  
no verde seio imenso da planura,  
esta formosa, edênica lagoa.

É tão serena e vasta e assim tão bela,  
– de dia o sol, à noite a lua triste –  
que o céu inteiro se reflete nela!

E o próprio Deus a azul mansão abrindo,  
ao seu encantamento não resiste,  
nela se mira, como nós, sorrindo.

## Pôr-de-sol

Numa eclosão de rúbida cratera,  
o ouro da tarde tropical flameja.  
Não mais, festiva, se ouve a primavera,  
nem a bonina humílima viceja.

Nesta lenta quietude sertaneja,  
tão triste é o sino que os fiéis esperal!  
Deserta é a torre da vetusta igreja,  
esvoaçante ninhal que outrora era.

Ao brando sopro de outonal galerno,  
as andorinhas, a emigrar, fugiram  
dos vendavais aspérrimos do inverno.

Fogem de mim, também, asas batidas  
nas luzes que de sombras se tingiram,  
as ilusões que acarinhei queridas!

## O corcel do tempo

Aos meus gritos selvagens de vitória,  
o arrogante corcel do tempo  
mais árdego e veloz corria.

Nitrindo forte,  
de puras linhas a cabeça erguida,  
a crina era de guerra uma bandeira ao vento!

Em seu dorso  
os desertos da Vida percorri,  
cordilheiras transpus, das árvores gigantes  
os cimos seculares dominei.

E pelos vales verdes e suaves,  
a galopar, cantei o meu Amor...

Depois, perdido no Infinito,  
enchi-me de pavor!

As asas arranquei ao pégaso indomável  
e à planície volvi,  
da poeira dos astros quase cego.

Flecha que voa para o inevitável,  
– quem há que possa desviar o fim –  
eis o corcel agora infrene e vário!

Alma cansada e triste,  
para a fauce do abismo  
irei rolando na fatal escarpa,  
arremessado  
num último corcovo!

### Assim nasceu esta cidade

Sob a imponência secular da mata,  
pelas clareiras lúridas da morte,  
o machadeiro, em febre, se desata  
e cai qual roble ao implacável corte.

As corredeiras, límpidas, de prata,  
buscam do salto o majestoso porte.  
Dos pioneiros em marcha a cavalgata  
na história das monções encontra o norte.

Nos trilhos de aço o lastro corre, arranca,  
para estacar, arfante, na barranca  
de outra caudal que, de tão vasta, espanta.

Num verde chapadão do lado em frente,  
plantou o trem, sadia, uma semente  
que junto aos lagos, florescida, encanta!

## Os pardais

Voltaram. Sobre o meu telhado esvoaçam  
buscando nos beirais o ninho antigo.  
Por onde andaram na rudez do inverno?  
Agora, alegres, os pardais revoam  
ao brando sol, nas árvores vizinhas.

Aves amigas, que tristeza eu tinha  
em vos saber talvez em sorte vária.  
Não mais vos via pelo chão bicando  
as migalhas de pão que eu vos lançava.

E com as asas a bater contentes,  
como a transpor os vidros da janela,  
que mais buscáveis, pipiando assim?  
Certo tirar-me dos sombrios dias  
em que estes velhos anos me cruciam.

Outra morada, meus pardais, terei.  
Levai os vossos ninhos para lá,  
que a ouvir-vos sobre a laje e nos canteiros,  
inda da vida sentirei saudade.

# José Barnabé de Mesquita

---

José Barnabé de Mesquita nasceu em 1892 em Cuiabá, onde faleceu em 1961. Professor e magistrado. Foi presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso de 1930 a 1940. “Foi o mais profícuo escritor mato-grossense. Poeta parnasiano, jornalista, historiador, romancista e *conteur*” (Rubens de Mendonça). Dentre sua numerosa produção, citem-se as obras: *Terra do berço*, *Epopéia mato-grossense*, *Três poemas de saudade* (poesia); *Escada de Jacó* (sonetos); *Espelho de almas*, *No tempo da cadeirinha* (contos); *Semeaduras do futuro* (discursos). É patrono da cadeira n. 7 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

## Apogeu

Nós saímos da terra e à terra volveremos,  
como os astros, no além, entre um e outro horizonte:  
lento, da vida a elipse insensível fazemos,  
desde a infância – a alvorada, à velhice – o transmonte.

Do zênite ao nadir, os dois pólos extremos,  
da impávida escalada ao declínio confronte,  
moços, da vida a rampa altíssima ascendemos,  
para, velhos, descer a outra encosta do monte.

Hora melhor não há do que esta da esplanada,  
em que vemos, de um lado e de outro, o céu fulgindo,  
e sentimos vibrar, em nossa alma arroubada,

o vigor do apogeu, pleno sol claro e puro,  
a saudade e a esperança: o passado tão lindo  
e a doce placidez sonhada do futuro!

## Altivez

Procura sempre ser altivo e justo.  
Recebe, de alma igual, gosto e pesares.  
E, vida em fora, vai, sem ânsia ou susto,  
como a vela que, calma, singra os mares.

O roble da montanha é mais robusto  
que a erva crescida em sombras tutelares.  
Depressa cai o que ascendeu sem custo,  
Nasce o valor do esforço e dos vagares.

Cultiva essa altivez de dignidade,  
não a empáfia que a nulidade encobre  
e não resiste ao sopro da verdade.

Vê que os condores pairam altaneiros  
sobre essas aves de plumagem nobre  
mas de vôos tão curtos e rasteiros...

## Cativeiro

Nada sacia, nada empolga, nada farta  
a tua alma, que mais alcança, mais deseja.  
Todo o gozo que a vida a mancheias reparta,  
breve o verás morrer, ao termo da peleja.

A ânsia de possuir não vale o que se almeja.  
Cada sonho que vem de um outro se descarta.  
E vives a oscilar, falena que doideja,  
do arroubo de Maria à azáfama de Marta.

É que entre os grillhões te conservas cativo  
– o tempo e o espaço – a atar o teu anelo vivo  
para a Beleza, que é o ideal e a perfeição.

E só a Eternidade, o *tempo que perdura*,  
e o Infinito, que é o espaço imenso, a *extrema altura*,  
poderão libertar teu pobre coração.

## Falando à alma

Sofres? Teu coração sangra em dura agonia?  
És feliz, pois a dor é a marca incontestada  
da dileção celeste e a alma que ela crucia  
é – podes ter certeza – a de Deus mais amada.

Neste áspero viver, que é um morrer cada dia  
(há mais espinhos do que flores pela estrada...)  
somente um grande ideal dá sentido e harmonia  
à luta em que te vês, sem tréguas, empenhada.

Sofrer, fazer sofrer, embora a contragosto,  
pois que to impõe assim a sorte amara e dura  
e ainda ter de fitar a mágoa rosto a rosto...

E as lágrimas cruéis hás de, ocultas, vertê-las,  
rócio do coração, que orvalha a noite muda,  
sob o olhar misterioso e doce das estrelas...

## Compreensão da poesia

A Vida não comporta esse isolacionismo.  
O artista deve ser Homem antes de tudo,  
sentir, compartilhar o sofrimento rudo  
que faz do mundo hodierno um grande cataclismo.

Já não há persistir distante, álgido e mudo,  
quando a vida é um drama e cada alento um trismo,  
e abre-se, ao nosso lado, um negro e torvo abismo  
onde vemos o mal agitar-se sanhudo.

Desça o Poeta da sua torre de marfim.  
A ribalta caiu. Tudo hoje se nivela.  
Há tanta angústia a avassalar o mundo ruim!

A arte ou tem de fazer-se humana ou perecer:  
e a Poesia será tanto mais viva e bela  
quanto mais se integrar na tragédia do Ser.

## Ser bom

Há sempre, em face à vida, uma atitude  
boa e uma outra má: procura aquela.  
Ser bom resume a máxima virtude  
e é do viver a láurea nobre e bela.

Ser bom, não da bondade que se ilude  
e arvora-se arrogante ou tagarela,  
mas dessa que a fortuna nunca mude,  
no gozo e no sofrer, quieta e singela.

Ser bom, como se a dor, cada momento,  
viesse bater do nosso lar a porta,  
porque a dor é o supremo ensinamento.

Do ser bom só compreende o alto valor  
quem viu como a Bondade, mesmo morta,  
continua a irradiar o seu fulgor.

## Ascensão

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,  
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,  
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,  
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sobes. E na ascensão, entre angústia e torturas,  
trons de ira e de despeito, apodos e assuada,  
vês diminuir mais as coisas na baixada  
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,  
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.  
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem no alto cintila a estrela da bonança  
e além, teu coração, mais do que a vista alcança,  
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição!

# Registro

Sr. Presidente:

Pensei que talvez recebesse a Revista da Academia, em alguns dias, caso a promessa fosse cumprida. Qual não foi minha surpresa quando, logo pela manhã, já a tinha em minhas mãos.

Encantei-me com ela!

Toquei-me a pensar que quantos sóis e quantas luas passaram na vida dessas pessoas, que registraram seus sonhos, pensamentos sérios, momentos fraternos, instantes solenes, alegrias, dores, amores, cidadania, desejos vastos de seus corações.

Penso que não se pode deixar, a nossa população morta, frente aos imortais.

Nossa população está fria, apática, distante... imensuravelmente distante do valor desta Revista e de seus personagens. Ela está (ou estamos?) vendo o tempo passar como um meteoro, com uma velocidade "quase-luz". Está sem passado, sem lembranças, com um destino fragmentado frente a tantos caminhos e descaminhos.

Parabéns ao senhor e sua diretoria, por destacarem cada um destes nomes, valorizando-os, porque sabemos que ninguém se repete no tempo, cada um existe uma só vez e não é possível substituir o âmago de cada um.

Parabéns ao senhor e sua diretoria, por estarem cumprindo tão bem a responsabilidade inerente a quem está na luta. Parabéns por socializarem conhecimentos e pessoas com estratégias de valorização pois é preciso conhecer para amar, é preciso sentir, pensar e contemplar cada um dos escritos de nossa gente, para construirmos a nossa história!

Muito obrigada pela 1.<sup>a</sup> Revista da Academia.

Cordialmente,

Maria Elizabete de O. Gonçalves  
Coordenadora Executiva da Casa da  
Memória Arnaldo E. de Figueiredo

